

Quem são realmente os comunistas? – Traducido por José Garboza (al texto original de Carlos Perez Soto)

1. Marx

Em 1948 os comunistas eram os que viam a propriedade privada dos meios de produção como origem dos males do capitalismo. Karl Marx propôs chamar “Liga dos Comunistas” ao que até então se chamava “Liga dos Justos” porque entendia que não só se tratava da justiça em geral, a maneira de uma exigência moral, como também que o assunto era organizar uma oposição direta, política, ao sistema dominante como conjunto.

Marx chamou de comunistas aqueles que haviam reconhecido o movimento profundo da realidade, as possibilidades materiais libertadoras travadas pelo interesse capitalista e as possibilidades políticas que abri a consciência organizada dos trabalhadores.

Sustentou que o poder também havia percebido essa grande mudança histórica no presente, escreveu que os poderes dominantes já haviam começado a temer suas possibilidades revolucionárias, escreveu que, como um fantasma ameaçador, o comunismo havia começado a percorrer a Europa:

“Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha. Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direito ou de esquerda a pecha infamante de comunista?”

Marx chamou de comunistas um tipo de revolucionários que eram temidos pelo poder, apesar das precárias e insipientes que puderam parecer suas organizações e iniciativas políticas concretas. Temíeis por seu programa radical. Temíeis por sua vontade de ação política radical.

2. Lênin

Em março de 1918, Lênin propôs chamar de Partido Comunista o partido bolchevique para enfatizar suas diferenças com os que não acreditavam que a revolução de Outubro poderia se converter em um grande passo adiante às lutas do proletariado. Em dezembro de 1918 a “Liga Espartaquista” encabeçada por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht transformou-se o Partido Comunista Alemão, reconhecendo seu apoio à revolução de outubro, às suas possibilidades democráticas, e sua oposição ao marxismo reformista de Karl Kautsky.

Vários Partidos Comunistas se formaram durante 1918 e 1919 no mesmo espírito do Partido Alemão. Em março de 1919 levou-se a cabo o Primeiro Congresso da Terceira Internacional, que se chamou a si mesma de Internacional Comunista. Nesse momento chamaram-se comunistas aqueles que reconheciam a necessidade da ação radical para o derrocamento do sistema dominante, aqueles que reconheciam a necessidade de uma ditadura revolucionária do proletariado contra a ditadura, democrática ou não, do

capital, expressada em um Estado de Direito que favorecia sistematicamente a burguesia, contra os interesses do conjunto do povo.

Entre 1918 e 1919, apesar da guerra revolucionária, apesar do cerco capitalista, apesar das dificuldades econômicas, os comunistas soviéticos levantaram, pela primeira vez na história, um sistema nacional de educação laica e gratuita, um sistema médico geral gratuito em defesa da necessidade de todos e cada um dos cidadãos, estabeleceram, pela primeira vez na história humana, os plenos direitos jurídicos e políticos às mulheres, estabeleceram as bases de uma ordem jurídica que favorecia sistematicamente os interesses do proletariado, vale dizer, uma ditadura do proletariado. Quiseram dar os maiores passos, os mais radicais, para perseguir aquilo que justamente estabelecia seu nome: uma sociedade comunista, um mundo em que não haja mais lutas de classes.

3. Totalitarismo

A mania autodestrutiva que nos acostumamos a pensar a lógica da derrota, tem nos levado a destacar, desde o cansaço, as múltiplas razões pelas quais essa grandiosa iniciativa do proletariado de conduzir a ditadura burocrática ao totalitarismo.

As razões são muitas, contundentes, e a deriva do comunismo resultou trágica e destruidora. Isso é algo que sabemos, e que nossos inimigos não se cansam de assinalar, omitindo com eles as consequências desastrosas para toda a humanidade do que eles mesmos defendem. E isso é algo que nós mesmos, na hora de justificar nossas políticas de compromisso, temos nos acostumados a assinalar, como se estivéssemos condenados a ser derrotados uma e outra vez.

Porém o aspecto, meramente pontual, somente inicial que me interessa aqui neste recurso à história, que nunca me convenceu totalmente, é o que a grande sombra do socialismo burocrático tem significado para este nome originário e fundante. O que tem significado para a ideia do que é ser comunista.

4. Socialismo burocrático

O socialismo burocrático distorceu profundamente a lógica de convocação comunista da III Internacional. Converteu os comunistas em dois tipos, aparentemente opostos, de militantes. Por um lado, sob o imperativo primeiro de defender a realidade e o exemplo da União Soviética, procuraram reproduzir de uma vez por todas os caminhos e ações políticas concretas que conduziram à revolução de Outubro, e os outros, que sob esta mesma lógica, buscaram chegar ao socialismo através dos meandros e recursos das democracias de tipo parlamentarista que se desenvolveram ao longo do século XX. Mao Tsé-tung y Palmiro Togliatti são os dois melhores exemplos perfeitamente simétricos dessas políticas. O reformismo keynesiano do comunismo italiano, e a conversão massiva ao capitalismo do comunismo chinês, são hoje o testemunho do que esses comunistas burocráticos significaram historicamente.

Com eles levou-se a uma política comunista na qual, curiosamente, o primeiro que desapareceu, do discurso e a ação, foi justamente o objetivo comunista. Tudo se converteu em transição. E as transições não se discutiram estavam nunca de acordo com

seu objetivo, senão simplesmente em função de sua aproximação ou distanciamento relativo, mais ou menos formal, ao modelo soviético.

Comunista passou a ser sinônimo de stalinismo, de industrialização, de verticalismo organizativo, de convicções críticas nas quais as necessidades da unidade de ação pesavam sempre mais que a vocação crítica mesma.

As políticas comunistas mantiveram uma posição ambígua a respeito da violência revolucionária, aceitando-as para a periferia, negando-as para os países desenvolvidos. Uma posição ambígua a respeito do Estado de Direito burguês, atacando-o diretamente quando havia correções de forças favoráveis, aceitando-o como marco quando se pensava que não havia possibilidades de poder efetivo.

Como assinalado tantas vezes, a política comunista se tornou reivindicativa, em particular, economicista. E os militantes comunistas, educados em uma cultura homogeneizadora, tiveram dificuldades sistemáticas para se apropriar de modo integral de todo âmbito que não fosse o da reivindicação econômico-social.

Por essa via os problemas do meio ambiente, das diferenças étnicas e de gênero, os problemas derivados do uso das tecnologias da informação, resultaram-se difíceis, ficando nas mãos, afortunadamente, de outros militantes radicais, não marxistas, que souberam ver neles as fontes de crítica e ação política que continham, abrindo a oposição ao sistema desde um amplo espectro de lutas às que os militantes chamados comunistas sempre chagaram tarde, mal e com a infalível vocação stalinóide de se colocar a serviço de sua própria política.

Muito longe de querer continuar esta lamentação política, apegada ao masoquismo que se chama pomposamente “autocrítica”, e que encobre apenas sua vocação oportunista, o que me interessa aqui não é enumerar uma vez mais as razões do perdido, mas pensar diretamente no futuro. Pensar diretamente na grande tarefa que a humanidade tem por adiante, e cujas premissas materiais constatamos todos os dias, sem estar à altura da necessidade de uma política que a faça verossímil e viável.

5. O comunismo é possível

Quanto disso ainda deveria ser chamado “comunista”? No sentido de Marx, no sentido dos bolcheviques, além dos timbres e marcas registradas. Quem deveria ser chamado propriamente de comunista?

Em primeiro lugar, antes de tudo, são comunistas aqueles que creem que o comunismo é possível. Que uma sociedade sem classes sociais não é nem um sonho, nem uma utopia, nem o resultado inercial de um progresso econômico e técnico indefinido. Aqueles que se põem no centro de sua política esta perspectiva, e são capazes de explicá-la e promovê-la de modo eficaz, explícito, sem o conto de que se trata de um limite, de que é uma meta extremamente longínqua.

Sem o conto de uma transição, primeiro a da democracia avançada, logo ao socialismo, logo às bases de algo, e para além, mais além do que é imaginável, à uma sociedade que hoje não poderia ser imaginada. Sem o conto de uma transição que não termina nunca, no curso da qual basta somente perseguir esse limite converte-se numa profissão

política, num ofício eterno, nada inocente, que é mais uma maneira de ganhar a vida do que lutar pelo futuro.

Comunistas são os que podem explicar às pessoas comuns e correntes, de maneira simples e direta, que a abundância de bens materiais já é real, e que a humanidade já alcançou o estado em que poderia compartilhá-la de maneira justa e igualitária. Os que são capazes de explicar que não há impedimentos de princípio, nem na natureza nem na condição humana que os limitem para sempre, que nos obriguem a aceitar a injustiça aberta, ou a simples mediocridade da vida das camadas médias como único horizonte possível.

Comunistas são os que a cada passo declaram, e constroem sua política pensando em uma sociedade em que haja intercâmbio, mas no mercado, em que haja famílias mas não matrimônio, em que haja governo mas não Estado, na qual as normas sociais no requeiram estar coisificadas na forma de um Estado de Direito.

6. Um programa

Mas nada disso é possível sem um programa. Deveriam chamá-los de comunistas os que têm um programa comunista. Os que podem expressar de maneira concreta, atual, real, políticas que conduzam de maneira efetiva seus objetos históricos.

Não estou sustentando esse papel aqui, hoje, para assinalar queixas históricas, ou localizações morais. O que quero sustentar, de maneira substantiva, é quais deveriam ser essas políticas reais e concretas. Em torno à qual classe de política pode chamar comunista de verdade. O que me importa não é quem tem direito a ostentar esse nome ou a resguardar essa marca, a não ser o problema substantivo de quais conteúdos são os que seu conceito o requer e o exige.

7. Enorme abundância

Em primeiro lugar uma política comunista deve sustentar a necessidade e o direito de que a enorme abundância material que se produz hoje no planeta seja apropriada e repartida entre seus produtores diretos, não pela via do consumo alienado mas sim pela divisão das tarefas e os benefícios da produção material direta.

Isso só é possível se se exercer uma desterceirização radical da economia, que nos livre do trabalho estupidizante, que nos converta todos em produtores de bens materiais, e que liberte completamente os serviços da lógica do mercado de trabalho.

Que ninguém ganhe salário por educar, por desenvolver o saber, por fazer arte, ou prestar serviços médicos. Que o único princípio do salário seja a produção de bens físicos, e que os serviços se convertam por fim em direitos básicos, que se possa exercer livremente, por forma de qualquer lógica de mercado.

A consequência imediata disso, e por sua vez um princípio paralelo, é baixar radicalmente a jornada laboral, para repartir de maneira geral o trabalho físico necessário entre todos os integrantes da força de trabalho. Durante uma longa época de transição, para isso, será necessário manter, ou melhor melhorar, os salários. A única forma de fazer isso é que o custo de tal operação seja extraído de mais-valor, vale dizer,

que os enormes aumentos da produtividade de trabalho sejam apropriados pelos produtores efetivos, diretamente contra sua apropriação capitalista.

Qualquer diminuição da jornada de trabalho que se obtenha, mantendo os salários, não é senão uma operação de reapropriação de mais-valor criada pelos trabalhadores, uma apropriação social dos efeitos do desenvolvimento tecnológico que temos criado entre todos. A diminuição da jornada de trabalho é, diretamente e de maneira efetiva, o início da longa marcha para o comunismo.

8. Política comunista

A política comunista deve traçar um horizonte de medidas concretas, viáveis e reais, que atendam às necessidades mais imediatas, que permitam a progressiva construção de hegemonia e autonomia material e política do conjunto do povo.

Em primeiro lugar, no âmbito material, uma política de desconcentração radical da produção de alimentos. Ainda, uma política de desconcentração radical da produção de energia. E também, uma política de desconcentração radical das cidades.

Em segundo lugar, e paralelamente, uma iniciativa de desconcentração radical da gestão e do aparato do Estado.

Todas as políticas que apontem à autonomia e autossuficiência alimentar e energética da comunidade de base, todas as que apontem à diminuição da envergadura e ao aumento do poder efetivo dos municípios, todas as que apontem ao controle cidadão da educação, da saúde, da habitação, da gestão cultural, estão diretamente na via da longa marcha para o comunismo.

9. Pensar grande

A lógica da derrota, e o oportunismo burocrático têm nos acostumado a olhar políticas como estas com uma distância bem intencionada, paternalista e irônica. Têm-nos acostumado a pensar que nada realmente importante pode ocorrer desde logo. Têm-nos acostumado a pensar pequenamente, de maneira imediatista, em curto prazo medíocre, no circuito político em que se mova a política burocratizada dos poderes dominantes.

Nós mesmos estivemos acostumados ao conto pequeno burguês do “utópico”, resignando-nos à lógica sentimental e um pouco hipócrita de ser “sonhadores” e inclusive, frequentemente, estivemos acostumados a sequer sonhar, a dedicarmo-nos simplesmente ao dia a dia, como se todo o importante estivesse num futuro indefinido, ou pior, como se o importante fossem as mediocridades impostas pelo presente, e pelo poder.

É por isso que as formulações, as políticas das quais tenho enunciado, não bastam, mesmo que sejam as essenciais, para tirar o espírito comunista de seu marasmo. É necessário formular também outro âmbito de políticas imediatas, que tenha a concretude pouco imaginativa à qual o espírito comunista tem sido reduzida, mas que tenham a radicalidade necessária que as faça dignas de seres chamadas de comunistas. Um programa que tenha de maneira efetiva os poderes dominantes, que as recorde que o velho topo não descansa, e está disposto a aflorar vez e outra com seu desafio.

10. Inimigo principal

Os comunistas devem, por isso, e porque é necessário por si mesmo, formular também um plano estratégico que passe pelo imediato, que conecte esse grande horizonte de construção progressiva de hegemonia popular, com as tarefas e dificuldades do presente.

Nessa ordem, o primeiro inimigo que se deve enfrentar é o capital financeiro. Baixar radicalmente as taxas de interesses bancário e comercial, subir radicalmente os impostos aos bancos, proibir de maneira contundente as formas de reprodução de capital abertamente improdutivas e especulativas, acabar com todo o aval estatal às dívidas públicas, impedir desde já toda operação de “salvamento” dos bancos à custa dos padrões de vida do conjunto dos trabalhadores. Esta é hoje uma cruzada mundial. Os mais amplos setores políticos, de quase todos os signos, estão levando a cabo estas reformas, incluindo de maneira radical. Os comunistas devem ser os primeiros, e os de cada dia, nesta luta de todos.

O segundo grande inimigo que é necessário enfrentar é o capital transnacional rentista, o que usufrui de maneira privada as riquezas que a natureza põe a disposição de todos. Derrogar o regime de concessões plenas, anular de imediato as concessões de recursos naturais feitas contra o povo nas minas, na pesca, nos bosques, nos recursos hídricos. Os comunistas devem ser os primeiros nisso, e não só formalmente, através de projetos inviáveis no sistema institucional estabelecido.

Por isso, o terceiro grande inimigo que é necessário enfrentar é o sistema político mesmo, a maquinaria das instituições do Estado organizadas de tal maneira que sua única função real é a sua própria reprodução, e a de operar a serviço do interesse privado. Não há futuro político possível sem uma nova constituição, construída pelo conjunto dos chilenos de maneira democrática. E não vamos avançar para esse objetivo no marco das leis de quórum qualificado, nem no contexto da participação binomial. Estar fora de um sistema viciado e antidemocrático nos legitima, pretender estar dentro somente conduz a legitimá-los.

11. Medidas radicais

Desterceirizar a economia, reduzir a jornada de trabalho mantendo os salários, terminar com o regime de concessões plenas, restringir de maneira radical as operações e o lucro usureiro dos bancos. Trata-se pois de medidas radicais. De uma polícia audaz. Trata-se de representar efetivamente o que, hoje sem muita razão, temos em nós. Trata-se de ser comunistas porque buscamos o fim da sociedade de classes.

Não tenho que aclarar que é perfeitamente provável que os poderes dominantes não gostem disso, nem seque a nível meramente retórico uma política como esta. Os inimigos da democracia nos chamarão “inimigos da democracia”, os que privaram de propriedade a maior parte dos seres humanos nos chamarão “inimigos da propriedade”, os que tem criado um sistema profundamente violento nos chamarão “violentistas”. E, desde logo, não se conformarão em declarar isso. Passarão, como sempre o têm feito, à violência direta contra os que se levantem contra sua violência. Não há nem haverá novidade alguma nisso.

Mas então, ante a violência das classes dominantes, deveriam ser chamados comunistas os que reconhecem nosso direito à violência revolucionária contra a violência institucionalizada.

A miséria nos hospitais públicos é a violência, a destruição do sistema educacional é a violência. Os salários precários, o endividamento usureiro, a abertura ao capital estrangeiro às riquezas de todos, colocar o Estado a serviço do capital, o que os funcionários do Estado veem por seu próprio interesse sobre aqueles que dizem representar, isso é a violência.

Criticaremos a violência vanguardista, faremos legítima nossa violência fazendo-a violência das massas, buscaremos formas de lutar que não levem ao crime nem ao sacrifício, reconheceremos aos nossos inimigos - todos e cada um deles – os direitos humanos que eles mesmos os negam. Mas se trata de dar esta luta com todo o que tenhamos em mãos.

Somente podem chamar-se comunistas os que reconheçam e exerçam nosso direito de responder através da violência revolucionária a violência a que somos condenados pelo sistema de dominação. Somente desta maneira os comunistas voltarão a ser autenticamente temidos por aqueles que nunca esqueceram que ainda estamos aqui, dispostos a disputar com eles punho a punho, marcha a marcha, sangue a sangue, o mundo que eles nos negam.

Santiago no Chile, 23 de novembro de 2012.